

O PRESENTE DE PROMETEU

Kassia Nobre dos Santos¹

RESUMO

O conteúdo elaborado neste artigo tem por objetivo discutir formas de conhecimento ao abordar, principalmente, o conhecimento reflexivo provindo das narrativas do jornalismo, por meio das reportagens. Invocando a tragédia do poeta grego Ésquilo, “Prometeu Acorrentado”, o conhecimento é apresentado como uma dádiva proibida aos mortais pelos deuses. O trabalho mostra que ainda nos tempos de hoje, o conhecimento é uma das buscas do ser humano e que as narrativas literárias e jornalísticas podem ser uma das respostas, contrariando o que diz a objetividade científica, quando o assunto é o presente de Prometeu.

Palavras-chave: Conhecimento. Reflexão. Narrativas. Literatura. Jornalismo.

Na tragédia “Prometeu Acorrentado”, do poeta grego Ésquilo, o titã entrega o fogo celeste aos humanos para que eles não mais desejassem a morte e tivessem esperança infinita no futuro. A dádiva concedida aos mortais, afirma Prometeu, garantiria o aprendizado de ciências e artes, além da possibilidade de ver, ouvir e viver plenamente.

Na obra de Ésquilo (462-459 a.C. p.31) Prometeu afirma ao Coro: “Antes de mim, eles viam, mas viam mal; e ouviam, mas não compreendiam. Viviam eles, séculos a fio, confundido tudo”. A importante herança prometeica concederia sabedoria, inteligência e conhecimento aos homens. Após a façanha de Prometeu, o Deus dos deuses, Júpiter ou Zeus, ordena a solitária e inacessível prisão eterna do titã. O trágico destino daquele que seria o herói humano demonstra a importância da dádiva celestial, que seria o conhecimento

capaz de transformar a existência humana de uma forma irreversível. A herança prometeica, ou melhor, a busca pelo presente de Prometeu ecoa através dos séculos.

Desde os tempos mais remotos, a humanidade vem se colocando o problema do conhecimento. Busca responder não apenas a como ele ocorre, mas também em que consiste. É possível conhecer? O que o ser humano conhece de fato? Será a realidade, será a verdade? Muitas têm sido as respostas através dos séculos. (GAI, 2009, p.138).

Há diferentes formas de conhecimento. Conforme Morin (1999, p. 17) há a cultura humanística e a cultura científica e elas defendem conhecimentos distintos. A primeira cultura enfrenta as grandes interrogações humanas, estimula a reflexão sobre o saber e favorece a integração pessoal do conhecimento. Diferentemente da segunda cultura que separa as áreas de conhecimento; acarreta admiráveis descobertas, teorias geniais, mas não uma reflexão sobre o destino humano. “O mundo técnico e científico vê na cultura das humanidades apenas uma espécie de ornamento ou luxo estético. Já o mundo das humanidades vê na ciência apenas um amontoado de saberes abstratos ou ameaçadores” (MORIN, 1999, p. 18).

Contrariando o pensamento técnico e científico de que a cultura das humanidades é apenas um ornamento, encontramos nas narrativas o poder de “mobilizar os indivíduos leitores em sua própria vida, em suas convicções e em seu conhecimento de si, em sua subjetividade, o que significa que possui um alto potencial educativo” (GAI, 2009, p. 138). A catarse seria uma das principais estratégias utilizadas na narrativa literária para mobilizar o indivíduo, ou seja, quando o leitor encontra sentimentos que estão no texto e afloram os seus. Por narrativa entende-se como:

Um relato de um conjunto de acontecimentos dotados de seqüência, que capta, envolve o leitor, conduzindo-o para um novo patamar de compreensão do mundo que o rodeia e, tanto quanto possível, de si mesmo, pelo espelho que encontra nos seus semelhantes retratados pelo relato. (LIMA, 2009, p. 138).

Assim como as narrativas ficcionais, “o jornalismo é uma das formas que a civilização moderna utiliza para conhecer-se e conhecer o mundo” (LIMA, 2009, p. 322). Neste sentido, a produção de reportagens seria um dos caminhos para o jornalismo abordar temas que produzam reflexão e gerem conhecimento, uma das funções primordiais da literatura.

A reportagem “Hiroshima”, de John Hersey ganhou notoriedade ao ser publicada na revista americana *The New Yorker*, depois de um ano da explosão da bomba. Matinas Suzuki Jr, responsável pela compilação de livros para a coleção *Jornalistas Literários* da Companhia das Letras, em que “Hiroshima” (2002) está incluído, conta no posfácio da edição o motivo singular da repercussão da reportagem de Hersey, na época de sua publicação em 1946 e nos dias atuais. A reportagem ganhou o título de mais importante do século XX.

Hiroshima não trazia revelações técnicas nem dados desconhecidos sobre os efeitos da bomba atômica. Seu impacto veio do enfoque e da abordagem escolhidos por Hersey. Humanizando o que havia ocorrido por meio do relato de seis sobreviventes – duas mulheres e quatro homens, sendo um deles um estrangeiro no Japão – ele aproximou a abstração ameaçadora de uma bomba atômica à experiência cotidiana dos leitores. O horror tinha nome, idade e sexo. (SUZUKI, 2002, p. 168).

As informações advindas da reportagem de Hersey provocam\provocaram no leitor atual ou da época de sua publicação, novos conceitos do que teria ocorrido em Hiroshima. Já no Brasil, podemos chamar a atenção para as reportagens da jornalista Eliane Brum. Em um delas, a “Mães vivas de uma geração morta” a jornalista revela aos leitores a realidade do narcotráfico em favelas brasileiras nos depoimentos de mães de adolescentes que foram mortos ou ameaçados por traficantes.

Nesta reportagem, a guerra brasileira é revelada pelo olhar e pela voz das mães dos mortos no tráfico. São dessas mulheres os úteros que geram soldados – jamais comandantes – para a narcopátria. Seus meninos tombam por tiro, faca, granada. Não como exceção, mas como fato corriqueiro. Ao enterrar um filho e descobrir outro em seu lugar, estas mulheres são lançadas um passo além da insanidade. (BRUM, 2008, p. 204).

Os efeitos catárticos da literatura também ajudam ao jornalismo na composição das reportagens. Conforme Motta (2005, p.9) a narrativa jornalística é um permanente jogo entre os efeitos de real e outros efeitos de sentido (a comoção, a dor, a compaixão, a ironia, o riso, etc.) e procura sempre vincular os fatos ao mundo físico, mas cria incessantemente efeitos catárticos.

O jornalista Caco Barcellos também se utilizou da reportagem para apresentar uma realidade desconhecida: os matadores da Polícia Militar de São Paulo. Após a publicação do livro “Rota 66” (1992), a sociedade teve acesso a um banco de dados produzido pelo próprio repórter, depois de anos de pesquisa, sobre os crimes executados por policiais. A reportagem denunciou que a maioria dos jovens mortos não praticou crimes primários, eram inocentes. Publicado em formato de livro, a reportagem revelou que a polícia da época não cumpria o seu dever de defender a sociedade de criminosos.

Ao começar a fazer este livro, meu objetivo era denunciar a ação de matadores oficiais contra os civis envolvidos em crimes na cidade. O balanço final do meu trabalho, em junho de 92, acabou surpreendendo a mim mesmo. Os criminosos não representam a maioria entre as pessoas mortas pelos policiais militares. O resultado de minha investigação, que abrange o período de 22 anos de ação dos matadores, mostra que a maior parte dos civis mortos pela PM de São Paulo é constituída pelo cidadão comum que nunca praticou um crime: o inocente. (BARCELLOS, 1992).

Pode-se afirmar que o objetivo principal de Caco Barcellos era a produção de conhecimento. Por fim, nas narrativas jornalísticas apresentadas, há um universo repleto de questionamentos, contradições e, principalmente, reflexões. Ao ser explorado pelo leitor, o resultado final será o conhecimento. Não é correto afirmar que isso ocorra em todas as narrativas midiáticas. Há, de fato, uma avalanche de informações que, muitas vezes, não aguçam a reflexão para temas da existência humana.

THE GIFT OF PROMETHEUS

ABSTRACT

The content developed in this paper aims to discuss ways to address the knowledge, especially knowledge coming from reflective narratives of journalism, through reports. Invoking the tragedy of the Greek poet Aeschylus, "Prometheus Bound", the knowledge is presented as a gift prohibited by the gods to mortals. The study shows that even in these times, knowledge is one of the searches of the human being and that the journalistic and literary narratives can be one of the answers, says contrary to what the scientific objectivity when it comes to the gift of Prometheus.

Keywords: Knowledge. Thinking. Narratives. Literature. Journalism.

NOTA

¹ Mestranda do curso de pós-graduação da Universidade de Santa Cruz do Sul, RS, Brasil.

REFERÊNCIAS

BARCELLOS, Caco. *Rota 66*. São Paulo: Globo, 1992.

BRUM, Eliane. *O olho da rua*. São Paulo: Globo, 2008.

ÉSQUILO. *Prometeu Acorrentado*. Disponível em <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/prometeu.pdf> Acesso em: 20 fev.2011.

GAI, Eunice Terezinha Piazza. *Narrativas e Conhecimento*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo - v. 5 - n. 2 - p. 137-144 - jul./dez. 2009.

HERSEY, John. *Hiroshima*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. 4.ed. Barueri, SP: Manole, 2009. 470p.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita*. Rio de Janeiro: Éditions du Seuil, 1999.

MOTTA, Luiz Gonzaga. *Análise pragmática da narrativa jornalística*. In: Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação), 2005, Anais CD ROM.

Recebido: 22 de setembro de 2011
Aprovado: 01 de dezembro de 2011
Contato: kassinhanobre@hotmail.com